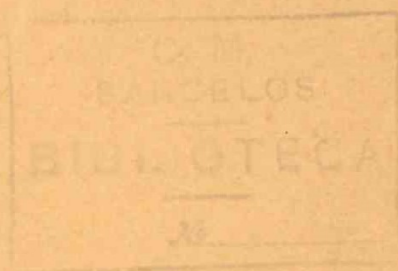


JORGE DIAS

DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA
CULTURAL (JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO
ULTRAMAR) E DO CENTRO DE ESTUDOS DE
ETNOLOGIA PENINSULAR (INSTITUTO DE ALTA
CULTURA)

MUSEU NACIONAL E MUSEUS REGIONAIS DE ETNOGRAFIA

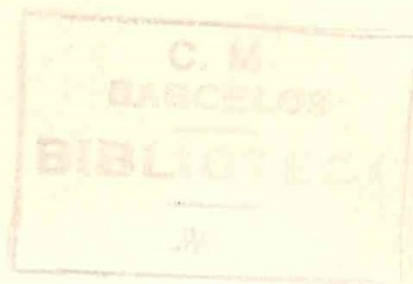


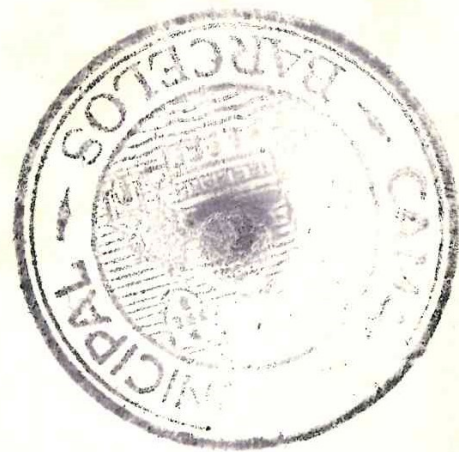
ARNOS DE ETNOGRAFIA
U REGIONAL DE CERÂMICA • BARCELOS

1

9(469)(042)
A

MUSEU
NACIONAL
E
MUSEUS
REGIONAIS
DE
ETNOGRAFIA





JORGE DIAS

DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA
CULTURAL (JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO
ULTRAMAR) E DO CENTRO DE ESTUDOS DE
ETNOLOGIA PENINSULAR (INSTITUTO DE ALTA
CULTURA)

MUSEU NACIONAL E MUSEUS REGIONAIS DE ETNOGRAFIA

CONFERÊNCIA PROFERIDA NA CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
EM 19 DE SETEMBRO DE 1964, NA SESSÃO SOLENE DE DISTRI-
BUIÇÃO DOS PRÊMIOS « GOMES PEREIRA »



CADERNOS DE ETNOGRAFIA
MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA • BARCELOS
1964

Permu.

Barcelina

1

5889

ARRANJO GRÁFICO DE ADÉLIO MARINHO

UM dos aspectos mais relevantes da civilização moderna é a rápida descaracterização dos povos, como consequência secundária do espantoso desenvolvimento da ciência, aplicada às necessidades práticas do homem, ou seja, das técnicas.

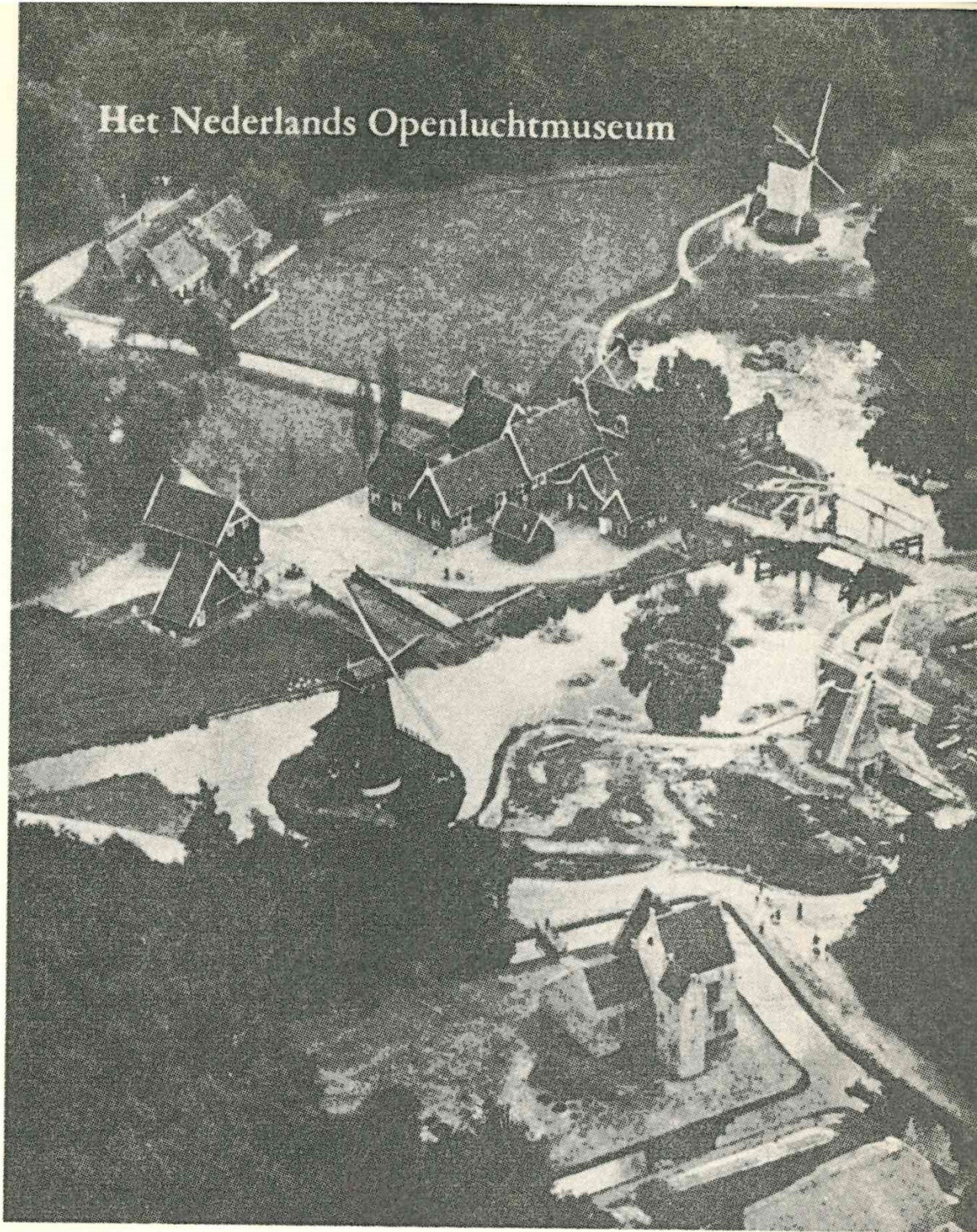
Para dar a medida deste desenvolvimento vertiginoso, basta citar uma frase do «leader» da oposição em Inglaterra, Harold Wilson, reproduzida na revista «TIME» da semana passada: «97% de todos os cientistas na história do mundo, desde o tempo de Euclides, Pitágoras e Arquimedes estão ainda vivos e activos». Não posso garantir a veracidade da afirmação, e é muito natural que não passe de uma manifestação de etno-

centrismo europeu. Mas o certo é que, de qualquer maneira, ela encerra a iniludível verdade de que, neste mundo em que vivemos, a técnica tende a dominar tudo, desde os aspectos da vida mais simples aos mais complexos. O rural já não se opõe ao urbano, pois a própria agricultura é, cada vez mais, uma indústria ao ar livre, dirigida exclusivamente pela razão prática de técnicos, a ponto de alguém dizer que nos Estados Unidos há não sei quantos milhões de agricultores e nem um único camponês. De facto, os 7% da população americana que se dedicam à agricultura são técnicos ou operários agrícolas especializados. Quando visitei os Estados Unidos pela primeira vez, há cerca de 14 anos, verifiquei que até os «Índios Pueblo» do Novo México já semeavam milhos híbridos, coisa que os nossos camponeses ainda olhavam com suspeição.

Ao desenvolvimento das técnicas associa-se o primado do económico. O homem preocupa-se cada vez mais com o aumento de produção à custa de tudo, sacrificando, se for necessário, imensos aspectos da vida que nós, até há pouco, considerávamos como dos mais dignos de ser vividos. A velha poesia dos campos, os romances de Júlio Dinis e de Camilo, «A Cidade e as Serras» do Eça, «O Malhadinhas» de Aquilino, etc., não passam do epitáfio de um mundo morto, que jamais ressuscitará. As gerações modernas não sentem vibrar essas cordas sentimentais — o mundo que lhes interessa é outro: «Um novo mundo maravilhoso» como lhe chamou Aldous Huxley.

Pareceria pouco a propósito trazer aqui estes problemas, se não reconhecesse que chegou o momento de olharmos para eles de frente, para não fazermos como, alguns dizem, fazem os avestruzes. De facto, a situação é grave, e muitos dos valores que estimamos estão ameaçados, como está ameaçada a própria saúde mental das sociedades modernas, onde pululam os «gangsters», os criminosos juvenis, os «teddy-boys», ou o desvairo

Het Nederlands Openluchtmuseum



Fotografia aérea de um recanto do «Museu ao Ar Livre» de Arnhem (Holanda).

histórico de multidões de jovens perante os «beatles».

Nestes curtos minutos de que disponho, não posso fazer uma análise pormenorizada da situação, e limito-me a tocar alguns pontos elucidativos.

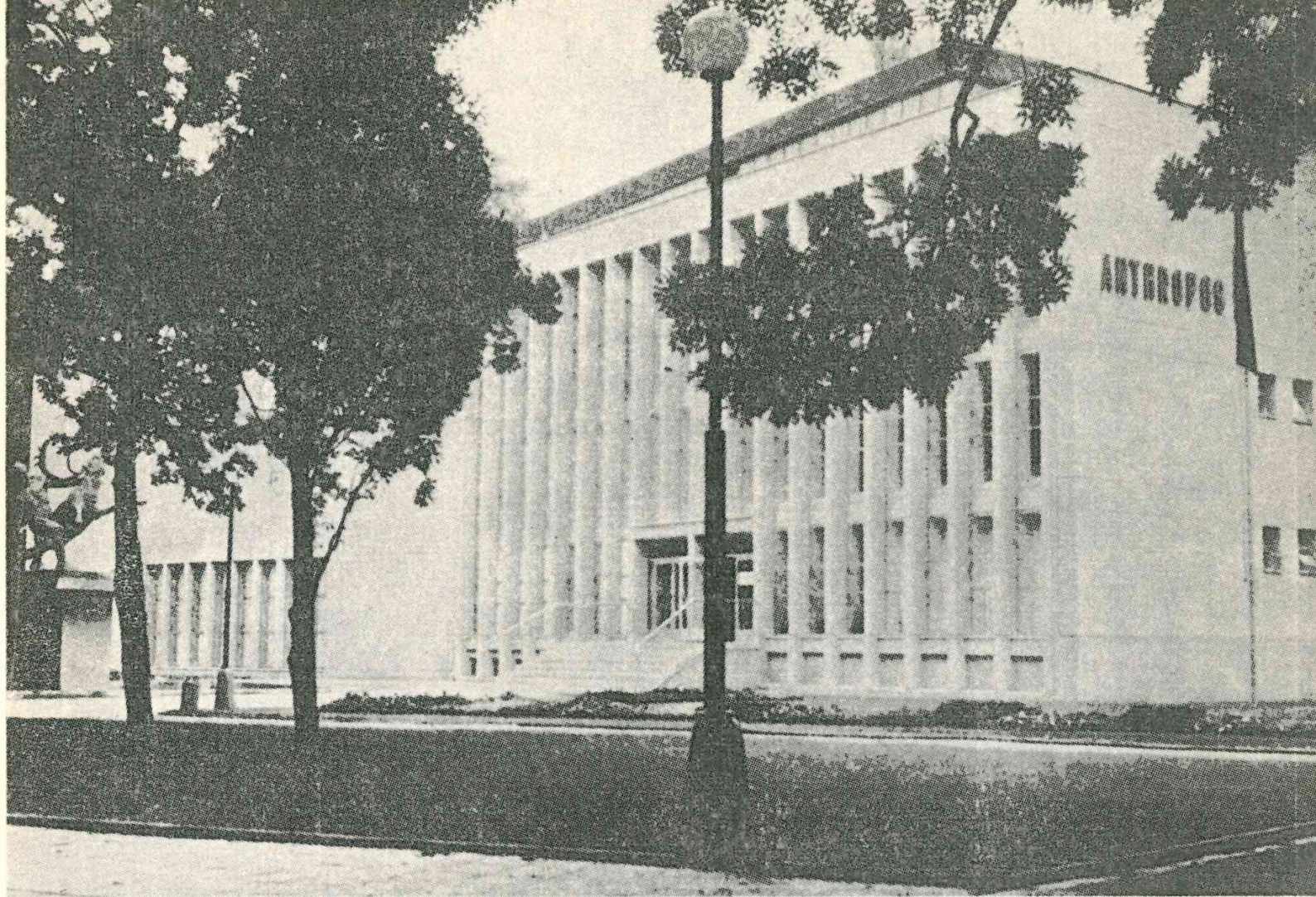
Quando, há pouco mais dum ano, visitei uma aldeia a uns 80 kms. ao sul de Paris, para observar alguns velhos moinhos de madeira, que pessoas responsáveis conseguiram salvar da destruição, informaram-me que a monda química tinha acabado com as flores dos cam-

pos e com toda a passarada. Por sua vez, a mecanização da agricultura, dispensando cada vez mais braços, contribuiu para a debandada da população rural para as regiões industriais, abandonando as casas da aldeia que, por sua vez, foram compradas por parisienses, que, nos fins de semana, fogem ao barulho e à atmosfera densa da cidade.

A produção de trigo aumentou espantosamente e tornou-se mais compensadora pela diminuição da mão-de-obra, mas desapareceu a vida da aldeia, desapareceram as flores e os pássaros que antigamente davam cor e alegria aos campos.

Perguntei se não faziam falta aos agricultores esses aspectos secundários. Não faziam porque ganhavam tanto que podiam ir todos os anos passar temporadas em regiões «sub-desenvolvidas», onde essa vida ainda existe. Citaram-me o exemplo de um agricultor que, sozinho com a mulher e, em certas épocas, com a ajuda de um homem, conseguia colheitas tão compensadoras que costumava a ir todos os anos passar uns meses à Argentina, onde a Natureza lhe oferecia o que desaparecera inteiramente da sua aldeia. Durante os meses de inverno, em França, os campos não precisavam dele, a mecanização acabou com os animais de trabalho, a racionalização aconselha a comprar as galinhas e os ovos produzidos pelos aviários e os legumes fornecidos pelos mercados, de forma que um camponês fecha a porta de casa e vai para férias, como qualquer lojista da cidade.

Mas vejamos agora outro aspecto, para nós ainda mais grave. Como competir quando as condições são desfavoráveis? A mecanização da agricultura exige condições de solo, de topografia e de clima. Só as grandes extensões planas, de solos fundos e com um regime de precipitações favorável permitem culturas cerealíferas rendosas. Condições destas não abundam no nosso país. No Alentejo, encontram-se com frequência as duas pri-



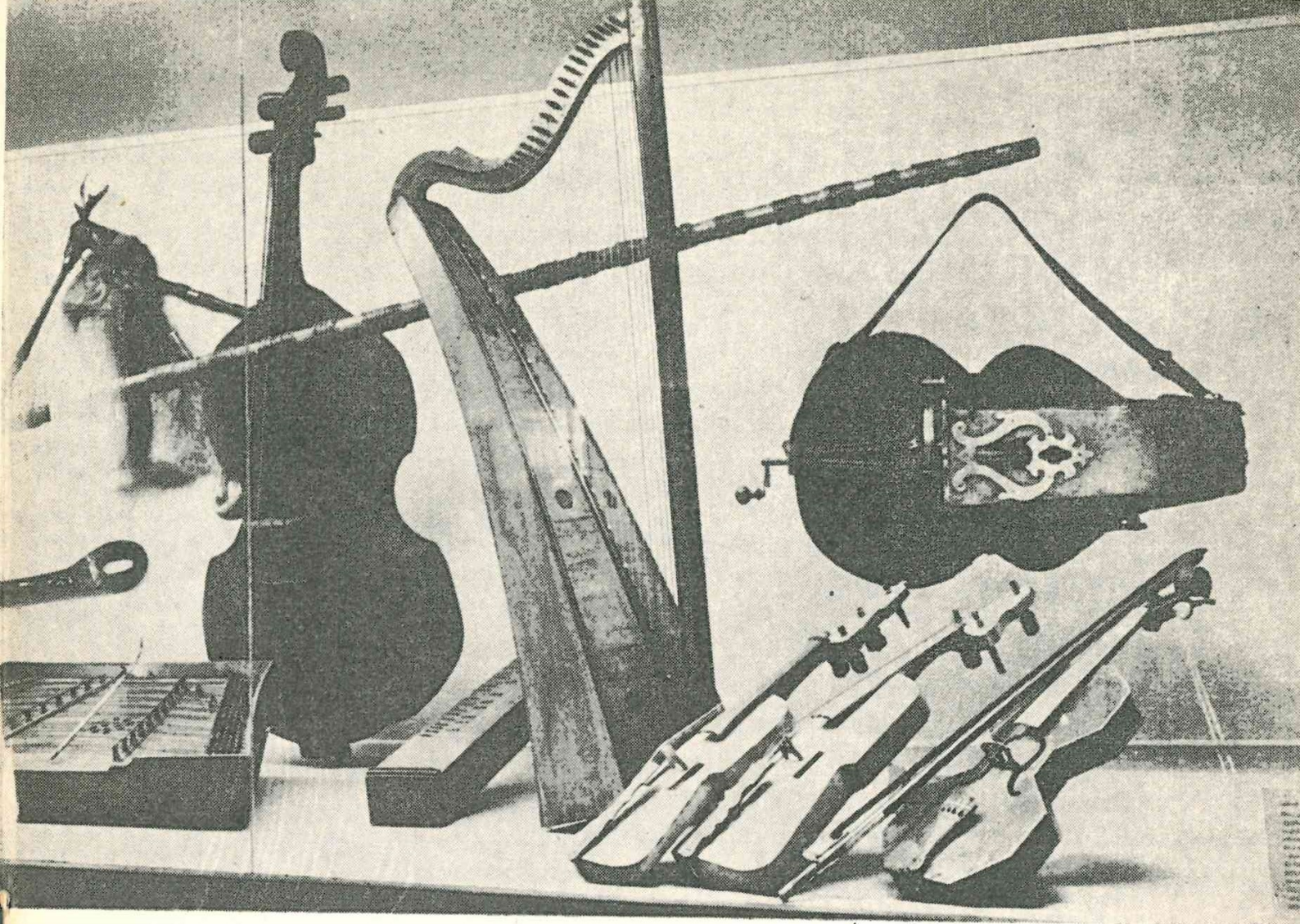
Edifício moderno do Museu do Homem (Anthropos) de Brno (Checoslováquia).

meiras, mas a distribuição das chuvas nem sempre permite que as operações se façam regularmente, nem que as colheitas sejam com frequência remuneradoras. Que diremos das outras províncias, algumas delas montanhosas, pedregosas — de clima hostil? Daí a fuga para as regiões industrializadas e o abandono da terra natal.

E quanto ao Minho que poderemos pensar? Nós estamos aqui em Barcelos, quase no centro dessa província, a que sempre ouvimos chamar ubérrima ou feracíssima! Que pensará dela um desses racionalistas modernos?! Posso repetir o que me afirmou, há alguns anos, o geógrafo americano Stanislavsky, professor da Universidade de Austin, que aqui passou uns meses a estudar a nossa economia rural. Disse ele que se o Minho estivesse nos Estados Unidos só agricultariam 9% a 10% da sua superfície, e o resto ficaria para arvoredos.

Eu não passo dum técnico das ciências sociais e nada sei de economia, nem de agricultura, contudo, permito-me duvidar da afirmação pessimista do Prof. Stanislavsky. De facto, ou me engano muito, ou o Minho tem condições excepcionais de desenvolvimento no campo económico, quando deixar de considerar o milho como o centro da sua economia, para se dedicar a cultivar o vinho verde com fins de exportação, sobretudo para os mercados tropicais. Tanto em África, como no Brasil admirei o extraordinário apreço que todos davam a alguns vinhos verdes brancos preparados para a exportação. Com o aumento de capacidade de compra de todas as populações da Terra, os vinhos verdes podem tornar-se uma riqueza capaz de ajudar a manter a província do Minho numa posição económica mais vantajosa do que alguns pensam, quando os vinhos deixarem de ser, como actualmente são, destinados a agradar ao paladar local.

Porém, de qualquer maneira, este Minho que conhecemos hoje, e que já faz muita diferença do que conhecemos há quarenta anos, será irreconhecível daqui a poucos decénios. A grande emigração interna e para o exterior; a enorme mobilidade das populações; a crescente ânsia de educação e de habilitações técnicas e literárias das novas gerações; a difusão de formas de vida estranhas, através do rádio, do cinema e da televisão; o turismo, que tudo invade com frenética ânsia de vivências novas e sempre renovadas, são certamente poderosos mecanismos sociais que alteram as formas tradicionais dos povos e contribuem para a sua uniformização e nivelamento. O turismo é mesmo um dos casos mais curiosos dos tempos modernos, inteiramente diferente do turismo aristocrático do séc. XIX. Hoje as massas procuram fugir das massas e levam-nas consigo. Os turistas são o mais vivo paradoxo de nossos dias. Procuram lugares onde ainda exista sossego e uma vida tradicional, mais ou menos preservada e barata. Mas

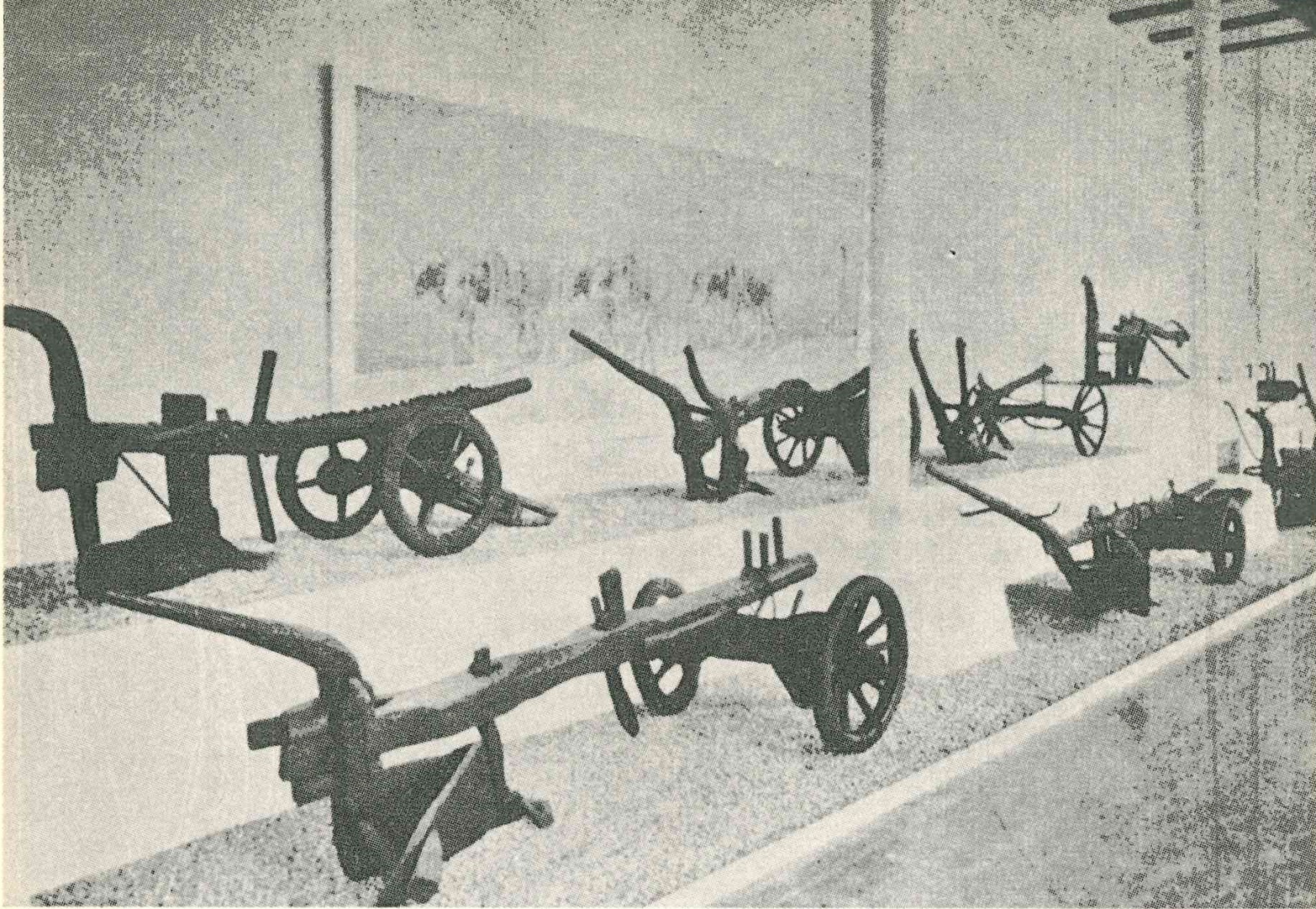


Aspecto da vitrina com instrumentos musicais populares do Museu de Brno (Checoslováquia).

logo que descobrem um lugar desses, divulgam encantados a descoberta, e no ano seguinte ocorrem aos cardumes. A própria necessidade de acomodar, alimentar e satisfazer as exigências de visitantes tão numerosos obriga a transformar a vida tradicional. Constroem-se hotéis, restaurantes, acampamentos, abrem-se lojas de venda de artigos destinados aos turistas, a vida torna-se mais cara e, pouco a pouco, tudo aquilo que tinha atraído os primeiros desaparece, mas ficam as comodidades e a aparência de verdade que, se forem ajudados por um bom clima, continuam a atrair os mais simples e crédulos, sempre numerosos pelo crescente aumento do nível de vida das classes trabalhadoras. O turista francês, por exemplo, o mais numeroso entre nós, é na sua grande maioria constituído por empregados e trabalhadores qualificados. Dois terços da população

de Paris viajam nas férias e em tal concentração que já se contaram 120 000 viajantes, num só dia de Agosto, nas estações de caminho de ferro. Muitos deles viajam no seu próprio país, mas os que têm automóvel vêm com frequência a Espanha e muitos até à nossa terra. Por sua vez, a emigração dos nossos camponeses, que, quando regressam são portadores de novos hábitos, de novas concepções de vida e de novas formas de comportamento, assim como a mobilidade das populações dentro do País e os turistas que nos chegam do estrangeiro, são, juntamente com a inevitável industrialização e mecanização do País, poderosos agentes modificadores da vida tradicional. Temos de considerar tudo isto como um fenómeno do nosso tempo, ao qual se não pode escapar e pelo qual vários outros países já passaram há muito. Porém, naqueles que fizeram a sua revolução industrial já no século XVIII, como a Inglaterra, ou no século XIX, como vários outros, a transformação foi mais lenta e deu tempo a que espíritos esclarecidos orientassem as coisas de maneira a educar o povo e a preservar inúmeros valores do passado. Foi uma época de grande actividade no campo da recolha folclórica, pois as tradições orais, as músicas e as danças populares ameaçavam perder-se. Ao mesmo tempo que se recolhia este património cultural, as novas gerações eram educadas no respeito pelo seu passado e, a pouco e pouco, muitos traços culturais da velha herança social foram-se integrando na cultura moderna. Isto evitou choques e conflitos culturais, embora muitos se tivessem dado, sobretudo em Inglaterra.

No campo da cultura material verifica-se o mesmo sentimento de respeito pelo passado e de preservação de tudo aquilo que era susceptível de se conservar em face das exigências modernas. Preservaram-se inúmeras casas velhas, às vezes ruas e bairros, quando não cidades inteiras. Na Francónia alemã mantiveram-se autênticas cidades museus, como Rothenburg, que são verdadeiras



Pormenor da exposição de arados de pau do Museu do Homem de Brno (Checoslováquia).

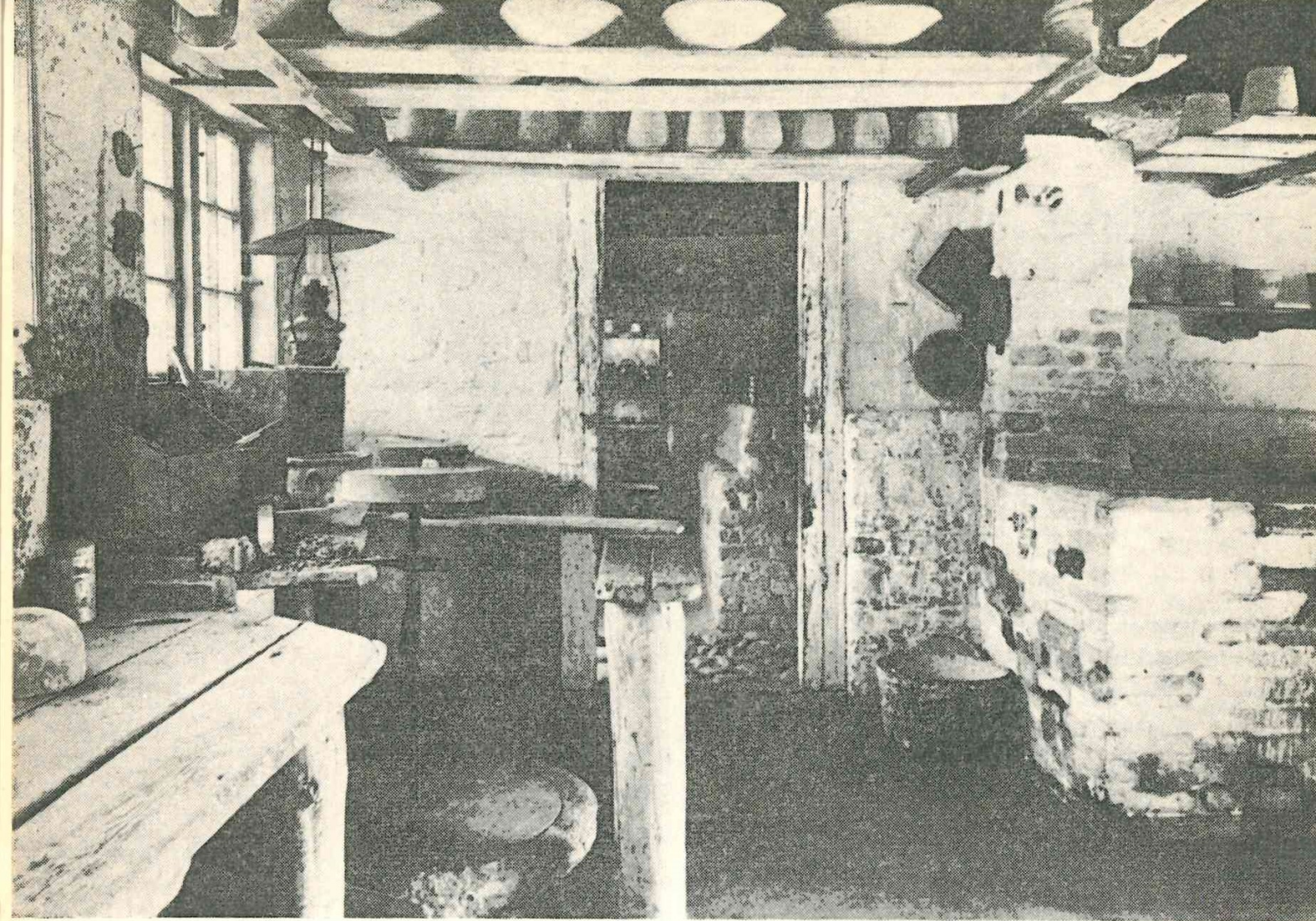
jóias do passado. Noutros países chegaram a transportar casas inteiras, instalações agrícolas, casas de pescadores, moinhos, indústrias tradicionais, etc., levados peça por peça e erguidos em lugares apropriados, onde fizeram grandes museus ao ar livre, como na Holanda (Arnhem), na Dinamarca, na Suécia e na Noruega. A Suécia, que se começou a industrializar muito cedo, teve o cuidado de preservar e coleccionar centenas e centenas de alfaías agrícolas, patenteando os seus museus uma riqueza impressionante.

Os países latinos estão neste ponto mais atrasados, em parte porque só mais tarde começaram a industrializar-se, com algumas excepções, como a França e o Norte da Itália, e também porque os latinos herdaram do mundo clássico uma tradição urbana e um certo desprezo pelo rústico. É bem sintomático o sentido

pejorativo que dávamos a expressões relacionadas com os habitantes dos campos, como, por exemplo: *parolo, labrego, labroste, lapuz, campónio, rústico, saloio, lapónio* e *patego*. Contudo, vemos hoje a Itália valorizar nos seus museus a cultura do seu povo, a França a construir um belo museu no Bois de Bologne e a própria Espanha que se esforça por melhorar os seus museus do povo espanhol de Madrid e de Barcelona.

E que diremos de nós? Por um lado, tivemos uma geração que nos deve encher de orgulho, porque compreendeu os problemas do seu tempo e soube manter um nível verdadeiramente notável. Basta pensar em Teófilo Braga, Adolfo Coelho, e, sobretudo, em Leite de Vasconcelos, para vermos o alto sentido que alguns dos nossos antepassados tiveram dos valores da cultura popular. A criação do Museu Etnológico do doutor Leite de Vasconcelos, embora na sua realização tivesse sido interrompido pelo falecimento do grande animador desta obra, é a prova mais evidente da compreensão superior que ele teve dos problemas da sua época. Era mesmo a época própria para se realizar tal empresa. Mas, infelizmente, esses homens foram poucos, e nem sempre foram suficientemente compreendidos e ajudados, porque a maioria não se apercebia de que os nossos dias estavam contados e de que à nossa vida se ia suceder outra muito diferente. Ainda hoje, apesar da rápida transformação que se está a operar, são inúmeros os que não compreendem que estamos no princípio de uma profunda mudança de cultura e de que pesa sobre nós a tremenda responsabilidade de entregar ao futuro tudo aquilo que é possível salvar do passado.

A maioria das pessoas, não versada nas ciências antropológicas, julga que desde que se mantenha a comunidade de sangue, se mantém também a integridade da cultura. Mas os antropólogos sabem perfeitamente que se pode manter intacto o fundo genético e transformar-se radicalmente a tradição social.



O interior de uma oficina de oleiro do «Museu ao Ar Livre» de Copenhaga.

Temos de reconhecer que não se pode fugir à evolução técnica e económica de nossos dias, mas nem por isso somos obrigados a deixar de conservar um certo número de valores que consideramos sagrados, porque perdendo-os deixamos de ser o que temos sido e ainda somos. Uma coisa é evoluir dentro de uma linha de tendência tradicional e outra é cortar o passado pela raiz e ficar à deriva como certas populações africanas destribalizadas, que perderam a sua cultura tradicional e não se integraram na cultura de outros povos, com quem estabeleceram contacto.

Hoje, qualquer elite responsável procura salvar o seu património nacional. Os próprios países comunistas, apesar do seu chamado idealismo materialista e dos esforços que fazem no sentido de uma rápida e profunda industrialização e racionalização do trabalho, não deixam

de procurar manter activamente o vínculo com o passado. Vários países comunistas que visitei além da Rússia, como, por exemplo, a Checoslováquia, a Geórgia e a Arménia, são um exemplo vivo desse desejo de não se descaracterizarem completamente. Criaram museus, onde a sua cultura desde o passado até ao presente é valorizada da melhor maneira que podem, e as tradições populares são estudadas por numerosos investigadores competentes e transmitidas às novas gerações nos estabelecimentos de ensino. A música, a dança e os trajes populares são objecto de cuidados especiais. Procura-se que as novas gerações desses países se sintam ligadas ao passado e que, embora sofrendo uma profunda transformação económica e cultural, não percam inteiramente os vínculos com ele. Na Hungria há nada menos de 46 magníficos museus de etnografia, onde toda a vida material do passado, quer agrícola, quer pastoril, piscatória ou artesanal está exposta ao público. Mas convém lembrar que estes museus são organismos vivos, onde se trabalha activamente. Todos eles têm investigadores de categoria e muitos deles publicam periódicamente revistas da especialidade, de alto nível.

Estão, hoje, portanto, todos os países da Europa empenhados nesta mesma tarefa, salientando-se, talvez, entre todos, os países escandinavos, cujos museus, institutos e universidades atingiram um nível invulgar nestes domínios.

Posto assim o problema, qual é a posição exacta de Portugal e quais são as tarefas que ele deve enfrentar?

Já dissemos atrás que o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos representa para a sua época um projecto que sobremaneira honra o seu criador e o País. Mas, infelizmente, a sua morte impediu que a obra continuasse, e apesar de algumas colecções etnográficas valiosas, pode dizer-se que o museu é quase exclusivamente um museu de arqueologia. Além disso,



Pormenor de uma aldeia com casas de madeira do «Museu ao Ar Livre» de Skansen (Suécia).

é um museu morto, sem quadros de investigadores, sem conservadores e sem instalações adequadas.

Além do Museu Etnológico, o País tem vários museus regionais de etnografia, alguns deles com bastante interesse. Apraz-me salientar o museu desta cidade de Barcelos que a Ex.^{ma} Câmara com tanto carinho organizou, a partir de colecções do etnógrafo barcelense Joaquim Sellés Paes de Villas-Boas e de aquisições posteriores. Também devo salientar o Museu de Etnografia e História do Porto, criado pelo meu saudoso amigo Dr. Augusto César Pires de Lima, ilustre etnógrafo e hoje entregue à direcção do seu não menos ilustre sobrinho, Dr. Fer-

nando de Castro Pires de Lima. Porém, todos estes museus regionais enfermam do mesmo mal que apon-
támos ao Museu Nacional. Não são museus oficializados,
capazes de servirem de centros de investigação locais,
por falta de conservadores profissionais.

Parece-me que chegou o momento de Portugal
pensar sèriamente no assunto e de metermos ombros à
empresa com toda a energia e vontade de vencer. Temos
a obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é susceptível
de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo
num Portugal diferente do nosso, se conservem tão por-
tugueses como nós e capazes de manter as suas raízes
culturais mergulhadas na herança social que o passado
nos legou. A cultura de cada povo é um conjunto de
tradições sociais, transmitidas de geração em geração,
e a elas estão intimamente associados sistemas de valores,
que não se podem perder sem esse povo sofrer uma pro-
funda descaracterização. Os museus vivos, que sejam
centros de investigação, onde se façam palestras, pro-
jecções de diapositivos e de filmes, onde se ouçam às
vezes audições de músicas gravadas e onde os materiais
que se vão adquirindo sejam estudados cuidadosamente,
podem ter uma acção fundamental na formação da
juventude, permitindo-lhe compreender a história da
cultura do povo a que pertence e sentir-se vinculada
a essa cultura.

Além do interesse cultural, bons museus desse
género serão focos de atracção desses mesmos turistas
que correm mundo, desejosos de ver novas formas de
viver. Mesmo, hoje, já não é fácil a quem viaja ver muitos
aspectos da cultura tradicional ainda viva, porque ela
se afasta cada vez mais das grandes vias de circulação.
Um museu mostra tudo o que o turista deseja ver e
explica-lhe o que ele não pode compreender, quando
por acaso depara com certos objectos ou tradições no
seu caminho. Como a moderna economia nos obriga
a atrair o turista, o museu, ao mesmo tempo que serve

os interesses superiores da cultura nacional e regional, é um motivo poderoso de interesse turístico. O Museu de Arte Popular criado em Lisboa pelo S. N. I. é a prova evidente de que esse aspecto foi há muito compreendido pelos dirigentes do Secretariado.

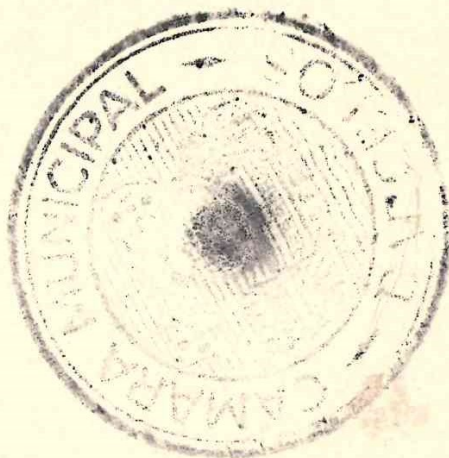
Felizmente sente-se que começa a haver cada vez mais gente capaz de se interessar por estes problemas. O facto de surgirem museus regionais, como o de Barcelos, e de se instituírem prémios, como o de «Gomes Pereira», demonstra bem esse interesse. Por outro lado, a ideia de criar um museu nacional de etnografia, como hoje o compreendemos, deve ter como finalidade suprema documentar a formação do povo português desde a proto-história e exprimir de maneira particular a sua expansão ultramarina e os vários contactos que ao longo do tempo foi estabelecendo com os múltiplos povos com que conviveu, de maneira a dar uma visão da história «sui-generis» de um povo de camponeses, pastores e pescadores que se expandiu pelos cinco continentes da Terra, dando origem a variadíssimas formas de cultura e acabando por constituir uma Pátria pluri-racial extremamente original.

Graças à acção da Junta de Investigações do Ultramar e ao superior interesse de S. Ex.^a o Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, esse museu deve tornar-se em breve uma realidade. A Missão Organizadora do Museu trabalha activamente na recolha, catalogação e estudo de peças etnográficas, enquanto o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e o Centro de Estudos de Antropologia Cultural se dedicam à análise de problemas etnológicos metropolitanos e ultramarinos. Se esta empresa for levada a bom termo, como espero, e se for possível que os museus regionais espalhados pelo País e outros a criar em próximo futuro, venham a constituir verdadeiros centros de pesquisa regionais, trabalhando de colaboração com o museu nacional, é de crer que Portugal veja dentro de poucos

anos surgir uma obra de um alcance nacional e de uma projecção internacional verdadeiramente dignas de um povo que, mais do que qualquer outro, contribuiu para os contactos humanos e o conhecimento de outras terras e de outras gentes.

O Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos e o Museu de Etnologia da Junta de Investigações do Ultramar são dois organismos complementares que certamente virão um dia a fundir-se num único museu nacional, e servirão de centro coordenador de toda a investigação nacional, quer no plano regional, quer no plano pròpriamente nacional.

Até lá, trabalhemos todos com entusiasmo e confiança no futuro...



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OF. GRÁF. DA COMPANHIA EDITORA DO MIN

biblioteca
municipal
barcelos



28640

Museu nacional e museus
regionais de etnografia